



Chrys Chrystello*

Racismo a rodos

“Olho pela janela e as brumas não auguram a chegada de nenhum Sebastião, desejado ou não. São apenas brumas, o Sebastião jamais chegará em dias de nevoeiro e mesmo que chegasse não salvaria este país. Estamos neste mundo louco em que a desintegração da sociedade ocidental arrasta consigo princípios e valores, criando zombies, novos paradigmas da sociedade, novos escravos com a designação de colaboradores, em que ressurgem fantasmas de nazismo, racismo, xenofobia, egoísmo, mentira, manipulação, a um nível que há muito julgávamos arredados. Afinal, como diz o outro, apenas estalou o verniz primitivo.”

Já escrevi sobre este tema em 2019 e 2020, mas a comunicação social insiste em considerar tudo racista e inclui obras literárias (agora foi a vez do Eça), sem ter em conta as noções socialmente aceitáveis da época e que não podem ser julgadas pelos valores de hoje, caso contrário temos de ir já ao dealbar da nacionalidade em que Afonso Henriques era um racista na sua luta de reconquista contra os islâmicos na Península. O melhor é desconstruir o país e devolvê-lo ao Califado, apagamos os descobrimentos e lavamos as máculas coloniais. E esperemos que os outros países façam o mesmo, caso contrário não serve de nada... Ou ir mais atrás ainda aos primeiros homídeos.

Este tema é sempre difícil de abordar pois todos têm, ou julgam ter, a resposta e a atitude certa, seja ela politicamente correta ou incorreta, mais de acordo com as crenças políticas de cada um do que com quaisquer outros fatores endógenos ou exógenos. A esquerda faz dele bandeira e a direita responde com a portugalidade a que nunca prestou atenção nem preito. Todos são rápidos a disparar, condenar e julgar quaisquer afirmações que se profiram sobre este tema. É um dos chamados tema fraturantes, não só da sociedade portuguesa, mas da maioria das sociedades (ie., daquelas onde é permitido falar dele).

Cresci numa sociedade fechada em pleno Estado Novo, quando as criadas (não havia técnicas auxiliares domésticas) diziam “se a menina não come corto-lhe a trança e dou-a aos ciganos”, “se o menino se porta mal chamo o polícia”. Havia variações ao tema da cegonha que vinha de Paris. Quando alguém se comportava mal “se continuas assim devolvo-te aos ciganos a quem te compreí”, ou similares.

Apesar da mistura genética da família, não havia africanos na família, até em 1973 chegar a Timor Português e descobrir um luandense negro com o meu apelido, filho de um primo direito do pai. Também vim a descobrir primos mulatos no Brasil onde havia um ramo de parentes que ali se radicou há um século atrás.

O racismo era religioso. Quando me casei pela primeira vez e não o fiz pela Igreja, metade da família ostracizou o casamento. Mais tarde quando me divorciei (consta que fui o primeiro) outros houve de mais idade a seguirem o exemplo.

O racismo era socioeducacional, havia quem tivesse meios para prosseguir os estudos no liceu ou nas escolas comerciais e industriais e outros sem esses meios, e a distinção fazia-se logo ali nesses infantes com quem nem brincar se

podia.

O racismo revelava-se nos nomes e apelidos, resquícios dos tempos da monarquia e de fidalguias arruinadas. Era igualmente visível nos subúrbios onde se crescia dentro da cidade (no Porto era a Foz, Avenida da Boavista, Avenida Marechal Gomes da Costa vs Rua dos Combatentes nas Antas, por exemplo), e prolongava-se pelos locais de férias (no norte, os transmontanos iam de banhos para a Póvoa de Varzim, e a gente “fina” andava mais pela Granja ou Miramar enquanto a Aguda era mais classe média baixa...)

O racismo social (e económico) prosseguia dentro das próprias elites consoante os colégios que se frequentavam e as festas onde se ia. Depois veio o 25 de abril e tudo se baralhou, mas o racismo continuou com novos paradigmas e alvos (apenas os ciganos se mantiveram na linha da frente).

Quase todos os que se insurgem seriam incapazes de viver num subúrbio de ciganos ou afrodescendentes que alegadamente dizem defender desse racismo. Mas fica-lhes bem a defesa dos mais fracos.

Aqui nos Açores, além dos tipos de racismo atrás descritos, há outros derivados da canga feudal que constituía a matriz dominante das ilhas, mas muita gente, mais capaz do que eu, poderá elaborar sobre o tema. Como tornei a escrever ironicamente em 2020

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, sem pretos, nem mulatos, mestiços, ciganos, judeus, imigrantes, árabes, muçulmanos e outros indesejáveis de raças inferiores

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, e sejam do meu clube.

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, e estejam orgulhosos de terem andado a matar turras em África

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, e não sejam comunistas, socialistas ou traidores da descolonização

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, e não sejam desertores ou objetos de consciência

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, e não sejam criminosos

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, e não sejam homossexuais, lésbicas ou outros com comportamentos desviantes

Não há racismo em Portugal, desde que sejam todos brancos, desde que sejam todos brancos, todos brancos

brancos

Um povo que nunca cuidou de se educar, de ter formação pessoal e profissional capazes (os governantes não o queriam, quanto mais incultos mais manipuláveis), sem gosto na sua história, na sua língua e na sua cultura sempre confundida com atividades circenses, touradas ou futebol surge retratado na TV como aquela mulher que dizia do primeiro-ministro goês “eu não vou lá muito com a cara dele” e assim faz as suas opções políticas, mal dissimulando o seu racismo, xenofobia e preconceitos seculares. É este povo que vota e faz as suas escolhas no seu analfabetismo disfuncional.

Olho pela janela e as brumas não auguram a chegada de nenhum Sebastião, desejado ou não. São apenas brumas, o Sebastião jamais chegará em dias de nevoeiro e mesmo que chegasse não salvaria este país. Estamos neste mundo louco em que a desintegração da sociedade ocidental arrasta consigo princípios e valores, criando zombies, novos paradigmas da sociedade, novos escravos com a designação de colaboradores, em que ressurgem fantasmas de nazismo, racismo, xenofobia, egoísmo, mentira, manipulação, a um nível que há muito julgávamos arredados. Afinal, como diz o outro, apenas estalou o verniz primitivo.

Mas a maioria dos que me rodeiam, impávidos e serenos, quase como nos tempos do Estado Novo em que íamos “cantando e rindo” e deixa-se enlevar por este torpor, este amolecimento das capacidades críticas de pensamento e de discernimento pensando que chamando a tudo e todos de racistas apaga as máculas ancestrais.

Eu, sinceramente, não entendo que deva pedir desculpas por eventuais parentes e antepassados que agiram de acordo com as normas vigentes na época, por mais insanas que me possam parecer hoje. Se foram negreiros, bandeirantes, missionários ou meros miscigenadores, limitaram-se a cumprir essas normas então vigentes.

Voltando ao início desta crónica, em minha casa havia criadas, hoje tenho empregadas ou funcionárias, adaptei-me aos tempos que correm sabendo que não é por se mudar o nome às coisas ou por as condenarmos agora que elas desaparecem ou que criamos uma igualdade que não existe.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 (Australian Journalists' Association MEAA)